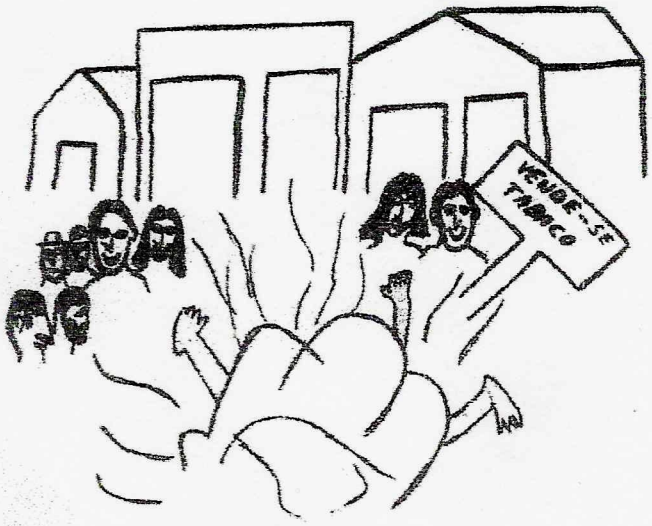
A BRIGA DAS DUAS VELHAS VENDEDORAS DE TABACO

POR: Vicente Campos Filho



Literatura de Cordel

A BRIGA DAS DUAS VELHAS VENDEDORAS DE TABACO

Por: Vicente Campos Filho

Aconteceu um furdunço
Lá no Mercado Central
Causo que ficou na história
Nos anais da capital
Foi ali que Dona China
Pegou Dona Carolina
E as duas quebraram o pau

Foi por causa do comércio
Com a venda de tabaco
Que as duas velhas brigaram
Causando um balaco-baco
Uma foi no pé-do-ouvido
A outra rasgou o vestido
Foi ruim pra juntar os cacos

Mas agora vou contar
Como a história começou
Foi a Dona Carolina
Quem primeiro ali chegou
Arrumou logo o barraco
Tirou as coisas do saco
E em seguida gritou

"Quem vai levar o tabaco
Esse é que é bom pra cheirar
Quem comprar não se arrepende
É o melhor pra espirrar
Ele é bom pra resfriado
Cura até peito cerrado
Você vai querer levar".

Foi justo nesse momento
Que chegou a Dona China
Com a mesma mercadoria
Dizendo ser coisa fina
Tirou o rapé do saco
Montou logo o seu barraco
Pertinho de Carolina

Começou logo a gritar
O meu tabaco é que é bom
É feito do fino fumo
O bicho chega é marrom
Tem gente que gosta tanto
Que se enche de encanto
Pensa até que é bombom

Mas a velha Carolina
Quando viu a concorrência
Gritou mais alto na feira
Disse: "eu tenho experiência
O meu tabaco é porreta
Quem cheira não faz careta
Ele tem muita ciência".

Dona China respondeu
Ligeiro que nem macaco:
"Eu sou muito mais famosa
e confio no meu taco
Pois, Pelé, Xuxa e Falcão,
Roberto Carlos, Faustão
Já cheiraram o meu tabaco".

Foi aí que Carolina
Que não quis ficar pra traz
Iniciou a peleja
Emocionante demais
E o povo foi se ajuntando
Com a torcida aumentando
Moça, menino e rapaz.

Quanto mais juntava gente
Mas as duas se afobavam
Xingamento e palavrões
As duas velhas trocavam
Vou tentar falar aqui
Algumas coisas que ali
Os feirantes escutavam

Uma disse: "eu vou dizer
Uma coisa pra vocês:
Quem cheirar o tabaco dela
Adoece de uma vez
Perde o olfato na hora
Entristece, sofre e chora,
Do doutor vira freguês"

A outra disse: "quem cheirar
O tabaco dessa infeliz
Nunca mais terá saúde
Adoece do nariz,
Perde a saúde na venta
Fica a boca fedorenta,
Amarela que nem concriz

Com aquelas gentilezas
Que as duas tavam trocando
De longe um bebum gritava:
"Acunha que eu tô gostando".
Mas elas nem atinaram
Foram em frente, continuaram
As duas se engalfinhando

Carolina então gritou:
"Eu vou contar pra vocês
O que foi que aconteceu
Com o pobre de um freguês
Comprou o tabaco dela,
Cheirou, bateu a biela,
Empacotou de uma vez".

A velha China na bucha,
Sem demora respondeu:
"Diga aí o que é que houve
Com o Pobre de Seu Pompeu...
Ele cheirou seu tabaco
Era macho feito um taco
Depois o taco amoleceu".

De tanto juntar moleque
Com aquela briga sem fim
Um deles teve uma idéia
Dessas de menino ruim
Disse: "olhem como se entriga,
Como se comece uma briga
De dois cachorros... é assim".

Agachou-se ali mesmo,
Encheu a mão de areia
Jogou em cima das velhas
Que fizeram cara feia
Mas depois se entreolharam
Em seguida se atracaram
Estava armada a teia

Carolina abriu as asas
Como se fosse voar
Parecia um caranguejo
Preparado pra atacar
E deu um pulo pra frente
De repente toda a gente
Escutou ela falar:

"Você agora vai ver
Que eu sou uma velha porreta
Não tenho medo de briga
Nem me assombro com careta
Pra acabar com esse moído
Vou dar no seu pé-do-ouvido
Vais virar uma carrapeta".

Foi então que a velha China
Respondeu bem alto rindo:
"Ah...Ah...Ah...Ah...Ah...Ah...Ah...
Ta vendo esse rosto lindo?
É de tanto cheirar tabaco
Desse que tenho no saco
E o povo vive pedindo".

Então Dona Carolina
Partiu pra cima e agarrou
Na cabeleira da outra
Puxou e sacolejou
Disse: "velha fedorenta
Vou quebrar-lhe o pau-da-venta".
Mas logo de dor gritou

É que a velhinha China
Que não era brincadeira
Deu-lhe um soco de direita
Por baixo da suvaqueira
Foi batendo e ela caindo
A poeira foi subindo
Foi a atração da feira

Justo naquele momento
Chegou Sargento Garcia
Tratou logo de acabar
Com aquela agonia
Cada uma algemada
Sob gritos da molecada
Foram pra delegacia

Com dois dias de cadeia
As velhas se aquietaram
Nunca mais na mesma feira
As duas se encontraram
Mas o povo não esqueceu
O dia em que o pau comeu
Até foto eles tiraram